

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

Bellissimo pensamento, pelo P.º F. Sanches.—SECÇÃO RELIGIOSA: *O Matrimonio*, continuação da Pastoral de S. Ex.º Rev.ª o Snr. Bispo do Funchal; *Inspiração divina da Biblia* (continuação), por M. Philippe Coelho; *Porque creio nos mysterios christãos?*, pelo P.º Alfredo Elviro dos Santos.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *A poesia mystica e um doutor «in cunctis»*, pelo P.º F. Sanches.—SECÇÃO HISTORICA: *O monumento ao marquez de Pombal, III*, por Elias de Sampaio; *D. Rodrigo de Moura Telles, Arcebispo de Braga* (continuação), pelo P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO CRITICA: *Várias*, por Dom Antonio de Almeida; *Um mau livro de historia* (continuação), pelo P.º Chrispim Caetano Ferreira Tavares.—SECÇÃO LITTERARIA: *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. F. Gay, traducção do P.º Lima (continuação).—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 15 DE JUNHO DE 1881

BELLISSIMO PENSAMENTO

O ultimo numero do *Progresso Catholico* fechava com chave de ouro o seu *Retrospecto da quinzena*: «Findamos com uma noticia que deve fazer saltar de contente o coração de todos os catholicos, principalmente dos catholicos portuguezes.

«Ha idea de erguer no mais alto da serra de Santa Catharina, sobranceira a esta cidade, ... uma estatua no Pontifice da Immaculada e do *Syllabus*, ao immortal Pio IX! A alta serra nua onde se vai erguer o monumento fica fronteira ao Sameiro...»

Na verdade, em frente um do outro, revendo-se mutuamente nas infinitas bellezas que a natureza com mão prodiga espalhou ao redor, os montes de Santa Catharina e do Sameiro, irmãos gêmeos, parecem fadados para servirem de grandiosos pedestaes ás glorificações que os homens rendem aos seus maximos bemfeitores, quando em marmore esculpem as suas effigies para lhes perpetuar a memoria e conservar sempre viva em nossos corações a chama do amor.

Eloquente exemplo é este dado ás gerações por vir; porque lhes patenteia, melhor do que a historia, os sentimentos altamente nobres, generosos e christãos que animavam as gerações que as precederam.

Braga, o baluarte da fé lusitana, a capital d'esta formosissima e catholica provincia do Minho, já se ufana com justissimo orgulho de ter levantado no

alto do Sameiro um monumento digno á Immaculada Conceição.

Pois bem. Face a face e assente no mesmo valle alfombrado de feracissima verdura, com o vertice tambem a meio caminho do ceo a dominar o immenso horisonte que se lhe desdobra em volta, está ess'outra pyramide de granito, o monte de Santa Catharina. Como irmãos, parece estenderem os braços para se apertarem em estreito amplexo.

Que bellissimo pensamento, pois, não é coroar este monte com a estatua do amantissimo devoto e glorificador da Virgem?!

Elle que tanto concorreu para acender em nossos corações o amor á Mãe de Deus; elle que empenhou os seus melhores esforços para afervorar o seu culto; elle que teceu a mais sublime aureola com que lhe circumdoun a fronte immaculada, como não ficaria bem em frente A'quella que foi o objecto dos seus mais entranhados affectos?!

E Guimarães, a patria de Afonso Henriques, o berço da monarchia, já rica de tradições gloriosas, tomando a iniciativa d'esta obra de acrysolado amor filial, gravará no seu brazão heraldico mais uma d'aquellas acções que não desmentem os sentimentos que a aviventavam quando erguia o magnifico templo de Nossa Senhora da Oliveira.

E' este um justissimo preito rendido á memoria do pai common dos fieis, do intrepido campeão da fé, que por tanto tempo arrostou impavido as procellas desencadeadas que pretendiam fazer sossobrar a barca de Pedro. Pio IX vive e viverá na lembrança de todos os que sentiram as pulsações do generoso coração do virtuosissimo Pontifice. Vive e viverá eternamente con-

substanciado ás maiores provações porque tem passado a Igreja. Vive e viverá eternamente vinculado ao seculo que o viu subir ao solio; seculo de grandes maravilhas a par de grandes desvarios, aos quaes oppoz a rocha da sua infallibilidade. Vive e viverá eternamente nas paginas da historia, nos fastos da Igreja, no coração de duzentos milhões de catholicos e.... no marmore, que os vimaranenses, com o auxilio de todos os catholicos portuguezes, projectam collocar no alto do monte de Santa Catharina.

Hoje mais que nunca devemos ter bem gravadas aquellas inspiradas palavras do evangelista do amor: «*Filioli mei, non diligamus verbo, neque lingua, sed opere et veritate.*»

Não basta termos bem vivos no espirito os immensos beneficios que recebemos d'aquelle excellente Pastor, que tem um altar em cada um dos nossos corações. O seculo precisa de obras que o edifiquem, e os catholicos têm o dever stricto de não se furtarem a dal-as bem ás claras, porque os filhos das trevas tambem não perdem um momento. A demagogia campoia infrene por toda a parte. O espirito antichristão atrôa o mundo com os seus urros felinos. Mazzini e Cavour tem estatuas, apotheeses e fanaticos admiradores.

E Pio IX, o pai bondosissimo, que só tinha o perdão nos labios para os seus figadaes inimigos, não havia de ter em Portugal um monumento que lhe perpetuasse eternamente a memoria?

A escolha do local não podia ser mais feliz. Longe do tumultuar das grandes cidades, com infindas bellezas panoramicas a convidar á subida, o monte de Santa Catharina satisfaz a mais não poder ser ao elevado pensamento que

applaudimos com os nossos mais fervidos enthusiasmos.

E quem, verdadeiramente crente, n'esta epoca de lucta crudelissima contra tudo o que ha de mais caro e santo, a religião a patria e a familia, se dispensará de ir juncto da estatua do magnanimo Pontifice beber alentos, receber inspiraçoens, fortificar o espirito e acrysolar o affecto ás santas verdades do que a Igreja é depositaria incorruptivel?

Os meus mais ardentos votos, pois, são vêr em breve traduzida em facta esta formosissima ideia que agora fervilha na mente dos generosos filhos de Guimarães.

P.º F. SANCHES.

Secção Religiosa

O MATRIMONIO

PASTORAL DE S. EX.ª REV.ª O SNR.
BISPO DO FUNCHAL.

(Continuado do n.º antecedente)

Um outro argumento superior a toda a contestação nos offerece a praxe da Igreja na celebração do matrimonio, exarada nos *Sacramentarios* da Igreja Latina e nos *Euchologios* da igreja Grega, e até nos rituaes das seitas separadas logo nos primeiros seculos. Os livros liturgicos em uso desde a mais remota antiguidade, podendo assegurar-se com bons fundamentos que alguns foram compostos pelos mesmos Apostolos e seus discipulos, são um dos mais claros espelhos da crença religiosa dos povos. Mas, o que é ainda mais notavel, nos rituaes das diversas seitas hereticas, separadas da Igreja no 4.º e 5.º seculos, taes como a dos Nestorianos e Monophysitas, se observa o mesmo rito de administrar o matrimonio, não obstante haverem esses livros recebido as inevitaveis alteraçoes em outros pontos, consoante os diversos erros de doutrina.

E quereis vêr como eram celebradas as nupcias em ambas as Igrejas?

Apresentam-se na igreja os esposos para se unirem ante os altares e receberem as bençoens do sacerdote, participando um e outro do corpo e do sangue do Senhor *inter Missarum solemniam*, ou immediatamente depois da Missa, tendo antes feito a confissão de seus peccados. (1)

E tão grande importancia se dava aos sagrados ritos da união nupcial que ao oitavo dia entre os gregos, e ao trigessimio entre os Latinos volviam os es-

posos à casa de Deus para outra vez ainda retemperarem as almas na piscina sagrada e na meza eucharistica, assistindo tambem ao sacrificio incruento; não sendo raro que o mesmo anniversario do matrimonio tivesse igual consagração. (2) Nas supplicas e deprecacões então recitadas se invocam sempre as bençoens de Deus para os esposos, a fim de que elles permaneçam unidos pelos doces laços do amor casto, da fidelidade inalteravel, do thoro immaculado, do honroso connubio, segundo a phrase do Apostolo (Ad Hebraeos; 13-4), a similhaça das bençoens dadas por Jesus nas bodas de Canã e do milagre ali operado, claro signal da graça annexa a este sacramento. (3)

Os Syros, Nestorianos, Monophysitas, Jacobitas e Cophtas observam o mesmo ceremonial nas suas partes essenciaes, e no ritual dos Chaldeos se encontram as seguintes epigraphes aos capitulos que se occupam do matrimonio—*Ordo desponsationis*—e n'este—*Ordo sponsalium, ordo benedictionis sponsi et sponsae, benedictio vestium, coronatio conjugum et benedictio thalami*. E os commentarios feitos a este ritual por alguns de seus escriptores observam que, para serem unidos em matrimonio os esposos se exige que sejam presentes—*sacerdote, cruz, calix com vinho e agua, aspergido com uma certa porção de pó, e o anel*. (3)

A ninguem portanto pôde ser duvidoso: que sempre e em toda a Igreja foi o matrimonio considerado como um dos sete sacramentos, por Jesus Christo, Senhor e Redemptor nosso, instituidos.

Porém não será inutil ponderar a summa importancia e genuina significação d'esta ultima prova adduzida, a saber: a perfeita concordancia das liturgias, tanto occidentaes como orientaes. Note-se que não é simplesmente o depoimento de uma testemunha singular e privada, mas sim o de testemunhas collectivas e publicas; são vozes de uma communhão inteira ou d'uma igreja, são testemunho solemne e accorde de diversas comunidades dissidentes, não só nos ritos e ceremonias, mas, o que é muito mais importante, na fé e na communhão, comunidades ha muitos seculos separadas do tronco commum.

E eis-aqui como a verdade sobrenada n'este pelago de erros que ameaça alagar o mundo.

Bem facil seria expôr ainda os commentarios dos mais conspicuos interpretes dos livros santos a todos os diversos textos relativos ao matrimonio christão, porém, carissimos diocesanos, as-

siste-nos a firmissima convicção de que todos vós acreditaes piamente na palavra de Deus e de seus escriptores sagrados. Lendo os diversos logares relativos a este ponto vê-se claramente como a união conjugal foi estabelecida pelo Creador no paraizo, e depois restaurada e levantada por Jesus Christo e promulgada pelos Apostolos. (4)

Nem os proprios Protestantes contestam a divina instituição do matrimonio, defendendo-a com os mesmos logares da Escripura: supposto o considerem como um puro contracto natural e tambem civil, negando-lhe a qualidade de sacramento.

Mas o que principalmente importa n'este momento é fazer bem conhecido de todos o denominado *casamento civil*, demonstrando quam grande attentado elle é não só ás leis divinas, mas até ás ecclesiasticas e propriamente civis da nossa patria.

O que desejamos é pôr ante os olhos de todos as funestas e desastrosas consequencias da sua introdução no seio dos povos, como causa fatal de ruinas e completa dissolução da familia e da sociedade.

O que é pois o *Casamento civil*? E a união conjugal feita na presença de um funcionario civil, segundo os regulamentos de cada paiz e sem a minima intervenção da authoridade sagrada ou ecclesiastica.

N'um similhante acto não apparece a religião; o sacerdote, ministro de Deus, não comparece ali, não é chamado nem convidado para sancionar uma tal união; Deus não se digna derramar suas bençoens sobre esse contracto meramente civil.

Supponhamos dois seres que se sentem attrahidos um para o outro e, no proposito de satisfazerem ás inclinações de seu coração, querem unir-se pelo estreito laço do matrimonio.

Se em suas almas vive a fé, a crença em Deus, na vida futura, na immortalidade de sua alma, antes de ligarem seus destinos hão-de invocar os auxilios celestes e desejam que o ministro de Deus lhes abençoe o seu puro e casto amor, lhes derrame nos coraçoes os dons divinos para encontrarem assim uma garantia de prosperidade, de força e coragem para levar alegremente o peso das cadeias com que se algemaram. Isto faz quem tem sentimentos religiosos e até quem só conserve o pudor natural, que é o mais delicado ornamento do sexo fragil. Isto fará seguramente quem respeite a opinião e a moralidade publica.

Mas os desgraçados, cuja alma é um deserto arido onde não brotam as mi-

(1) Vid. *Gourium. Muratori. Martene.*

(2) *Thomasii. Opera omnia.*

(3) *Assemani. Biblioth. orient.*

(4) *Genes. 2-18. Math. 19 6-1. Cor. 7 38-1. Thimoth. 4-3 e 5-14. Hebr. 13-4.*

(1) Perrone. *De matrimon. christian.*

mosas flôres da crença, esses o que querem e o que fazem?

Sentiram a chamma do amor, às vezes todo material e impuro. pretendem satisfazer ao impulso da paixão, e por que o elemento espiritual e divino já-mais entrou em seus planos, medindo tudo pela bitola acanhada dos interesses mesquinhos da terra, vão procurar o funcionario do Estado para em sua presença declararem que vão viver como casados, para alli ficarem registados seus nomes, e por tal modo assegurados o dote, a herança e a successão, se existirem. E nada mais. O temporal, o corruptível, o terreno, o animal está salvaguardado; porém o espiritual, o celeste, o futuro? . . . Quem se nivelou aos irracionaes para que ha-de preoccupar-se com o que julga chimeras?

E eis-os volvendo da repartição publica suppondo-se licitamente casados!

Mas não, de nenhum modo; aquillo não é casamento, não é uma união honesta, decente, moral, é um concubinato, uma torpeza, uma affronta á honra da mulher, uma indignidade para o homem.

Como já fica demonstrado, em todos os tempos a Igreja tomou sempre o logar mais importante nas uniões conjugaes, por isso mesmo que de Jesus Christo recebera o poder de preparar os dois conjuges para se unirem bem e dignamente. Nos actos todos da vida do homem vem a religião occupar o que de direito lhe pertence, a sua alma.

Como então poderá admitir-se, que no momento mais grave esteja ausente o principio religioso? Então quando mais se necessita de fortalecer o espirito, de vencer-se a si proprio e de moldar-se a um outro espirito?

Da historia de todos os povos, vemos tambem como a religião consagrou sempre esses importantissimos actos da vida da familia.

Não se contesta ao Estado o direito de regular os contractos e de assegurar os interesses das partes contractantes, porém não lhe será já-mais licito excluir o principio religioso do coração dos povos, e muito menos embaraçar as consciências na manifestação de sentimentos que se dirigem á Divindade. Não devem confundir-se as duas espheras, e por tanto sejam as leis civis para o temporal: dote, herança e successão, mas fique a sociedade religiosa no gozo de suas peculiares attribuições e attenda assim unica e exclusivamente ao espirital. Na sociedade catholica as causas matrimoniaes foram sempre da competencia da Igreja, porque só a ella foi dada a faculdade de ligar e desligar. Nenhum outro poder é legitimo para estipular as condições necessarias para uma união licita diante de Deus, nem ainda para annular o vinculo ma-

trimonial, uma vez contrahido validamente.

As assembleias conciliares e os Pontifices têm promulgado às leis que regulam n'esta materia, e para não accumular citações será sufficiente adduzir a disposição do Concilio Tridentino que é a seguinte:

«Para que de futuro se evitem as funestas consequencias dos matrimonios clandestinos, tendo succedido que o marido abandonando sua primeira esposa contrahia matrimonio com outra com a qual vivia em adulterio, seguindo os vestigios do santo Concilio Lateranense, presidido pelo Papa Innocencio III, ordena este Santo Synodo que d'aqui em diante se proceda á celebração do matrimonio em face da Igreja; onde o parcho, interrogando o homem e a mulher sobre seu sentimento, ou diga — *eu vos uno em matrimonio em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo*: ou use de outras palavras segundo o rito de cada provincia.

«Aquelles que attentarem contrahir matrimonio por esta forma sem que esteja presente o seu proprio parcho, ou algum outro sacerdote, com licença d'elle ou do Ordinario e perante duas ou tres testemunhas, a estes taes declara o Santo Synodo inhabeis para assim se unirem e esses contractos irritos e nullos, como effectivamente taes os declara no presente decreto.

«Além d'isso o parcho ou outro sacerdote que assistirem ao contracto com menor numero de testemunhas, e as testemunhas que assistirem sem a presença do parcho ou d'outro sacerdote e os mesmos contrahentes ordena este Santo Synodo que sejam todos gravemente punidos segundo o arbitrio do Ordinario.

«Determina outro sim que este decreto seja obrigatorio em todas as parochias em que tinha sido publicado logo trinta dias depois da promulgação.»

(Continúa).

INSPIRAÇÃO DIVINA DA BIBLIA

(Continuado do n.º anterior)

Na verdade quem eram os Apostolos e por outro lado qual era a empreza de Jesus de Nazareth? Acolá apparece em geral tudo quanto ha de rude, de ignorante e de pobre; aqui existe o bello, o sabio e o magestoso: a realização do projecto de Christo por modo natural equivaleria ao impossivel. Tornava-se urgente evangelisar a humanidade, que vivia empobrecida de verdadeiras luzes para a intelligencia, de santos preceitos e legitimos motivos para a vontade e

de solidos fundamentos para a boa organização social. O povo judaico, esmagando a personificação da verdade, da justiça e santidade mostra-se assaz obscurecido, injusto e perverso. Por outro lado o estado intellectual e moral da Grecia e Roma é deploravel. A ideia do infinito nem sempre radiou nos homens brilhante como o sol da primavera: foi tambem luz baça e vasquejante que bruxuleou em densissimas trevas de obscurantismo, por quanto era identificado no corporeo e repartido na pluralidade dos seus creados. A lua como o corcodillo, os demonios, os homens e até as paixões viciosas alcançam na terra um templo e uma adoração. A natureza das cousas occulta-se perante a fatal myopia da razão humana. Porque é que tu, ó Grecia, tão privilegiada de sublime engenho e do sentimento do bello creaste em Homero e Hesiodo o famoso Olympo dos deuses devassos? Por que razão teu maravilhoso genio artistico formou esse gigantesco idolo da corrupção que attraiu a si o mundo? Morre a Grecia, porém sua inquinada alma vólgo em pigthagorica transmigração para o vasto imperio dos Cesares, preparando mesmo no coração da Roma pagã a ascosa gangrena que mais tarde havia de apodrecel-o. No tempo da realza quando os Romanos viviam mais de si proprios e não formigavam os roedores vermes do epicurismo, do scepticismo, da ambição, do luxo e da voluptuosidade lampeja ainda na crassa idolatria um ou outro exemplo de heroica dedicação á justiça e á pureza. Debalde se procurará nos horrores da republica e do absolutismo romano uma Lucrecia que n'um momento de summa desesperação vingava em si propria o desaforo ultragefeito á sua castidade. Os tempos dos Gracchos, dos Marios e Syllas, dos Catilinas e dos triumviraes Cesar e Pompeu affogam o ultimo quartel da republica em lagos de sangue fratricida. A soturna conspiração relienta do fogo abraçador da crapula e tenta firmar-se sobre as miseraveis ruinas da prodigalidade e dos crimes. A mão de Bruto arremessa impavida sobre o vencedor das Gallias a punhalada parricida. Freme impetuosa e grossa a torrente dos males. E posto que o immediato seculo d'Augusto brilhasse com os esplendores da litteratura dos Horacios, Virgílios, Ovidios e Titos Livios isso parece o gigante assaltado pelo remorso de suas hediondas torpezas e iniquidades e disposto a saudar respeitosamente a Magestade da virtude, que então nasce da Virgem. Mysterosa coincidência! Mas logo depois se despenham com medonho fracasso as ondas impuras que ameaçam subverter o imperio. Succedem-se talvez mais irados os vicios, os crimes, as impudencias e as abominações. O idolo das gentes

é a impudica Venus que adoram com indecoroso culto. As bacchantes com seus pollutos thyrsos atroam os ares, soltando infernaes vozearias e redemoinhando em vertiginosos tripudios. A orgia estonlea por toda a parte e parece não haver já innocencia, nem pudor, nem justiça, nem dignidade. Era pois necessario acudir ao mundo moral, onde a desordem campeava pavorosa. Esta arvore sinistra do mal era já secular, com as raizes profundamente fincadas no solo e à sua sombra abrigavam-se os imperadores, as leis, as instituições, as familias e os costumes. Sim era mister semear por toda a parte com a superabundancia do amor, da graça e de novos influxos o conhecimento e veneração dos direitos absolutos e sacralissimos deveres da natureza humana. E era com instrumentos tão frageis que havia de operar-se a regeneração do mundo tão embebido no erro e no peccado? Pois então pessoas que mais nada sabiam senão pescar peixes são chamados a pescar homens? (1) E o que mais assombro causa é escolher-se para chefe do Apostolado um d'estes pobres pescadores da Galilea sem se lhe exigir senão amor e muito amor (2). Parece isto a maior das demencias e o mais monstruoso dos absurdos. Porem os Apostolos, metamorphoseados com a infusão do Espirito Santo, obram prodigios e nada os intimida no zeloso cumprimento do seu ministerio pastoral. Só assim é que Pedro podia arrebatat com magneticos arazoados as turbas, convertendo tres mil e mais cinco mil homens, que de diferentes pontos e nações do globo tinham vindo assistir às solemnidades judaicas em Jerusalem. Só assim é que Paulo, o fogoso perseguidor dos christãos poude ao depois discorrer tão acertada e efficaçmente sobre a religião de Christo e declarar que tanto elle como seus companheiros no Apostolado haviam recebido não o espirito do mundo, mas sim o espirito divino para conhecerem e annunciarem as cousas de Deus (3) e perguntar se porventura queriam provas d'esta verdade. (4) Só assim é que João, um rustico pescador, podia redigir a sua obra d'um Evangelho, tres Epistolas e um Apocalypse, deante da qual os criticos pasmam, fascinados pela profundeza dos conceitos, pela fecundidade da instrução, pelos argumentos do dogma, pela unção e modos insinuantes, pela magnificencia de mysteriosos quadros e finalmente pelo mavioso e sublime da expressão. Só a inspiração e outros dons sobrenaturaes podiam effectuar essa

admiravel rapidez com que a Igreja de Jesus Christo se diffundiu, da qual Tertuliano nos dá o seguinte documento -- nascemos ainda hontem e já hoje enchemos as ruas, as praças, os campos, as villas, as cidades, as repartições publicas, os exercitos e os palacios. Notará alguem que nem Marcos nem Lucas foram Apostolos. Mas alem do primeiro ser interprete e companheiro de S. Pedro, e o segundo companheiro de S. Paulo, a antiguidade christã sempre creu que a elles fora dispensada a inspiração miraculosa do mesmo modo que aos diaconos Estevam e Philippe, a Barnabé e a outros que não pertenceram ao collegio Apostolico.

(Continúa).

M. FILIPPE COELHO.

PORQUE CREIO NOS MYSTERIOS CHRISTAOS?

§ 1.º

Quando o espirito humano, entregue só a si, se abalança a investigar a causalidade de tudo o que o circunda, quando, nos seus vôos arrojados, anhele elevar-se, qual ave ligeira, das baixezas da terra ás alturas do ceo, transpôr as metas do finito para conhecer o que é infinito, encontra sempre, sovranceiro, um dique, uma barreira alem da qual não pôde passar.

Mui limitadas são as suas investigações, mui pouco altaneiros são os seus vôos, enquanto não toma por bussola a fé e revelação!

Poderão contudo dizer-me, que tem sido grandilocas, estupeudas as conquistas do espirito humano no seculo que vac correndo, e que devem considerarse, como penhor seguro de que, mais e mais, com o progredir incessante da sciencia, serão rasgados novos horisontes, e alcançados novos tropheos.

Poderão dizer-me, que o nosso seculo de luz e progresso tem já demonstrado, que muitos factos, tidos nos tempos de trevas e retrocesso como maravilhosos, não passam de simples effeitos de causas meramente naturaes, outrora ignotas; nada que tenha escapado aos golpes da sua critica rigorosa; e que, finalmente, se ainda resta por desvendat alguma cousa, tanto no mundo subjectivo, como objectivo, tempo virá, e não mui longe, em que deixará d'existir, e só então é que o homem, entoando o hymno da victoria, poderá proclamar se o senhor do universo!

Não contesto esse immenso progredir do nosso seculo, nem julgo que alguem haja de boa fé, que a tanto se avente; mas, nem attribuo tal progresso aos

esforços isolados dos seus sabios, nem o considero tão verdadeiro e real, tão omnimodo, nem assente em bases tão solidas, como se pretende inculcar.

Considero-o como a resultante natural de todos os esforços, que a humanidade tem empregado, durante todos os seculos, para a realisação d'esse ideal, para o cumprimento d'esse preceito divino, que deve ser a norma do verdadeiro progresso: *Estote perfecti, sicut et pater vester caelestis perfectus est.* (S. Matheus cap. v v. 48).

Ideal e preceito, sem duvida, sublimes; — mas impossivel de realisação absoluta e cumprimento completo!

A humanidade tem, como o homem, as suas tendencias fataes e irresistiveis para o infinito; almêja por alcançalo, e consubstanciar-se com elle; mas o finito hade sempre ser finito, com quanto possa progredir indefinidamente; e só d'algum modo pode alcançar essa consubstanciação, só pôde ligar-se ao infinito, coadunando-se às suas doutrinas, e cumprindo os seus mandamentos.

O nosso seculo de luz e progresso denota sem duvida, mais um passo de humanidade no caminho do seu aperfeiçoamento; mas tempo virá em que, à similhança dos que o precederam, elle será considerado de trevas e retrocesso; pois que de mysterios não restam ainda para revelar, que de horisontes grandilocos não restam ainda para desannuiar? — E, após a revelação d'esses mysterios, após a purificação d'esses horisontes, não surgirão, mais e mais, novos mysterios, e novos horisontes? — Não poderá, acaso, dizer-se, que a humanidade correrá sempre n'um *motus continuus* em busca d'esse ideal, que, qual seductora miragem, se lhe furta e deslisa, quando julga tel-a às mãos, e poder saciar, em breve, as suas infinitas aspirações?

Nem se julgue, que o progresso do nosso seculo, é tão verdadeiro e real, tão omnimodo e assente em bases tão solidas, como se pretende inculcar; porquanto todas as suas decantadas conquistas são nada em comparação do que ainda subsiste por conquistar; as explicações d'alguns phenomenos, com que tanto se pavoneia, não tem sido fundadas, na sua maior parte, n'uma certeza physica e real, mas em meras conjecturas ou hypothseses; pelo que é grande a celeuma, e confusão, quando uma recente conquista ou descoberta vem invalidar ou patentear a falsidade d'uma outra já alcançada.

Nem a humanidade tem auferido todas as vantagens, que taes descobertas lhe deviam liberalisar; e para prova basta que se attenda para uma das sciencias, que hodiernamente mais tem progredido, a despeito de todas as difficuldades com que tem luctado, princi-

(1) Math. 4—19.

(2) João 21—15.

(3) I ad Cor. 2—12.

(4) II ad cor. 13—3.

palmente, por causa da sua nomenclatura—a chimica.

Ninguém ignora, que a ella se deve a analyse, ou decomposição dos corpos, existentes no nosso planeta, nos seus multiplices e variados elementos; mas nem essa analyse se tem ainda extendido, absolutamente, a todos os corpos, nem ella, apesar de conhecer a sua natureza intima, é capaz de formal-os, sendo-lhe dados os elementos; a sua força creadora estende-se a alguns corpos simples e não mais!

Com razão pois pôde a meu ver, apodarse de louca a pretensão dos sabios do seculo, que imaginem poder competir com o proprio Deus, e conhecer todos os designios das suas obras, a ponto d'extinguirem todos os mysterios!

Baldado empenho! Os mysterios existem, e continuarão a existir, e muito seria para desejar que os sabios, antes de desvendarem os mysterios do mundo *objectivo*, desvendassem primeiro os do mundo *subjectivo*; que descobrissem os segredos intimos da natureza constitutiva do homem, em cada uma das suas phases e vicissitudes.

Desde a mais remota antiguidade que a philosophia, entregue ás suas forças naturaes, tem procurado resolver tão momentoso problema; mas, philosophos e escolas tem passado, com todas as suas opiniões e systemas, e elle tem permanecido insolúvel.

O mysterio sempre, sempre, envolvendo o homem em apertado circulo!

Ha porem uma philosophia que, com justo motivo, arroga a si o titulo de verdadeira; contem elementos para semelhante resolução, e d'algun modo desvenda todos os mysterios!

Não rejeita o sobrenatural, não desdenha os mysterios, antes, arrimando-se n'elles, reconhece que o espirito humano é limitado, que limitadas hão de ser sempre as suas investigações, que hão de sempre ser obrigado a reconhecer o dedo de Deus, em tudo o que existe, que não repugnã ao mesmo espirito, antes procuram o seu bem proximo e remoto, e que, finalmente, entre elles ha a mais intima harmonia.

Essa philosophia é a christã, a que tem por fundamento a religião sancta, que, mercê de Deus, professo.

Mas poderei eu assentir, sem repugnancia, nos mysterios christãos? Haverá motivos, tão concludentes, que me arrastem a prestar-lhes a minha fé, visto serem verdadeiros?

Eis ao que passarei a responder.

Coimbra—maio de 1881.

(Continúa).

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Secção Scientifica

A POESIA MYSTICA

Um doutor «in ennetis» (1)

(Continuado do n.º 15)

... «A idade ditosa para Hespanha, o seu seculo feliz foi aquelle em que o entusiasmo religioso e a inspiração quasi divina dos seus cantores se alliou com a exquisita pureza da forma, trazida em suas azas pelos ventos de Italia e da Grecia. Seculo em que a mystica castelhana, silenciosa ou balbuciante até então, ... deu gentil mostra de si, livre e immune de qualquer resaiço de quietismo e de pantheismo (2), e correu como abundante veia pelos campos da lingua e da arte, fecundando a abrazadora eloquencia do Apostolo de Andaluzia, o severo e asctico dizer de S. Pedro de Alcantara. a excellento philosophia de amor de Fr. João dos Anjos, a robusta eloquencia do veneravel Granada, toda calor e affectos que acendem a mais dura e empedernida alma, o prodigo e mal reprimado luxo de estylo de Malon de Chaide, a serena luz platonica que se diffunde pelos *Nombres de Christo* de Fr. Luiz de Leão, e a elevada doutrina do conhecimento proprio e da união de Deus com o centro da alma, exposto nas *Moradas* thesianas como em pratica familiar de velha castelhana juncto ao lar. Quem exprimiu a união extatica com tão graciosas comparações como Santa Thereza: já das duas velas que unem a sua luz, já da agua

(1) Por descuido suu a 1.ª parte d'este artigo na *secção scientifica*, quando devera sair na *secção litteraria*: para não ficar em duas secções continuamos a publical-o n'esta.

(2) Isto apezar da affirmação tolinha do sr. doutor Theophilo: «*Todo pantheista, o mysticismo não podia deixar de receber uma forma poetica.*»

E continua o sapientissimo doutor: «*Na via purgativa, pela abnegação, pelo desprezo do mundo, pelo esquecimento de si, a alma desprende-se do real, aspira á idealidade; na via unifica, depois de sentir a iluminação d'esse ideal que busca, o entusiasmo fal-a esvair-se em hymnos que então, deixa-lhe o vacuo após a vertigem (na cabeça d'elle doutor) o tedio da inanição, e essa indifferença que os contemplativos descreveram terrivelmente com o nome de *acedia*.*»

A este respeito diz Monendez Pelayo n'outra parte do seu discurso: «*Temos alguns mysticos que são irmãos ou filhos de Tofail; porem não os busquemos na Igreja orthodoxa, mas sim nas seitas quietistas, em Miguel de Molinos, e nos adoradores do nada, nos illuminados de Llerena, nos convulsionarios jansenistas, e nos tremedores de Inglaterra. A vertigem, a excitação causada por brutaes flagellações, o desprezo da vida activa, a contemplação enervadora e mala, é d'elles e não de S. Boaventura nem de Gerson.*»

do ceo que veinz encher o leito de um arroio?

E que diremos d'aquella sua protentosa representação da essencia divina, «*como um claro diamante muy mejor que todo el mundo*», ou como um espelho em que por modo sublime, e «*con espantosa claridad*» se veem junctas todas as coisas, sem que nenhuma ultrapasse a sua grandeza? Nem Malebranche nem Leibnitz imaginaram tão soberana ontologia...

Diferente de outros mysticismos egoistas, inertes e enfermicos, o nosso, nascido em face e em opposição á Reforma lutherana, aculeta-se no forno da caridade, e proclama a efficacia e valor das obras. Santa Thereza não exclama, como a discreta Victoria Colonna, em má hora cathequizada por João de Valdez:

*Cieco el nostro voler, vane son l'opre,
Cadono al primo vol le mortal piume,*

mas sim escreve na *morada* v:

«*No hermanas, no; obras quiere el Señor... y esta es la verdadera union...*

Y estud ciertas, que mientras mis end el amor del proximo os viéredes aprovechadas, mis lo estareis en el amor de Dios.» 1.º...

Quem me dera agora palavras para exaltar, como desejara, a Fr. Luiz de Leão? Se vos dísseste que a não serem as canções de S. João da Cruz, que não parecem de homem, mas de anjo, não ha lyrico castelhana que se compare com elle, ainda me pareceria ter-vos dito pouco. Porque desde a Renascença para cá, pelo inenos entre os povos latinos, ninguem se lhe aproximou em sobriedade e pureza; ninguem na arte das transições e das grandes linhas, e na rapidez lyrica; ninguem voou tão alto nem infundiu como elle nas formas classicas o espirito moderno. O marmore do Pentelico esculpido por suas mãos converte-se em estatua christã, e sobre um montão de reminiscências de gregos, de latinos e de italianos, de Horacio, de Pindaro e de Petrarca, de Virgilio e do hymno de Aristoteles a Hermias, insufla juvenil alento que tudo transfigura e remoça...

Todas as coisas servem á alma do poeta para se elevar até Deus, nunca se escravizando ás formas sensiveis, quer da arte quer da natureza (posto ser de todos os nossos quem melhor a

(1) Ouçamos, porem, o doutor da Visão: «*Não se pode negar a actividade no extasis: elle originou as epopeas mysticas da India, e as glosas mais ardentes da Sapho do christianismo...*

Mas no extasis não se dá a abstinencia dos prazeres dos sentidos; o *dolce far niente* em que a alma vaga é um sensualismo.

Ora digam-me se este doutor não tem o cerebro desarranjado pelo sensualismo. Vejam como liga admiravelmente a actividade no extasis com o *dolce far niente!*

comprehendeu e amou, mas só ainda do infinito, onde faiscam as ideas mães, qual aurea coroa da Verdade suprema; onde se vê distincto e juncto

*Lo que es y lo que ha sido,
Y su principio cierto y escondido;*

onde reina a paz e vivo o contentamento, e onde descansa o bom Pastor, tendo a cabeça cingida de purpura e de neve, e apascentando as suas ovelhas com immortaes rosas, eternas geradoras de consolação,

*Com flor que siempre nasce,
Y quanto más se goza, más renace.*

E será hyperbole, senhores, dizer que taes cantos trazem como um sabor anticipado da gloria, e que o poeta que taes coisas pensou e tão excellentemente descreveu, tinha vislumbrado em alguma visão a morada de grandeza, o templo de claridade e de formosura, *la vana del gozo fiel*, os feracissimos valles e os riquissimos minerios, e as espheras angelicas

*De oro y luz labradas,
De espiritus dichosos habitadas?*

(Continúa)

P.º F. SANCHES.

Secção Historica

O monumento ao marquez de Pombal

111

Continuamos a amontoar pedra sobre pedra, as que, com a venia que se costuma, tiramos da historia do notavel escriptor Pinheiro Chagas, e como não queremos demorar muito a conclusão do padrão que nos propozemos erguer ao grande homem que «mandou levantar forcas altas, onde expoz, segundo conta o auctor da *Administração*, mais de duzentos cadaveres» (1) faremos por levantar uma pedra em cada numero. Mas custa-nos a comprehender como o snr. Pinheiro Chagas, tão rasgadamente liberal, e defensor das modernas liberdades se deixou arrastar para junto d'esses homens que, não conhecendo a historia do seu paiz, querem erguer estatuas ao *energico mas terrível ministro*, que teve o *carrasco sempre* como grande meio de governo (2).

Parece-nos, que as duas pedras já erguidas faziam glorioso pedestal para collocar a estatua do primeiro liberal portuguez; mas o desejo que temos de o mostrar á altura a que tem direito quem tanto soube elevar-se, continuamos a

(1) *Historia de Portugal nos seculos xviii e xix*, por M. Pinheiro Chagas, paginas 147, l.ª columna.

(2) Idem, idem.

transcrever da já conhecida historia alguns trechos, com os quaes formaremos a

Terceira pedra para o monumento que o Progresso Catholico ergue ao grande marquez de Pombal:

«Voltou a triste cadeirinha, acompanhada pelos dragões, ao palacio, e, depois d'um momento d'espera, abriu-se de novo a fatal porta, e a cadeirinha voltou. Apeiou-se, meio desfallecido, um moço de vinte e um annos, loiro e gentil. Era José Maria de Tavora, filho segundo da marquezia. Ao pobre mancebo custava-lhe a deixar a vida d'um modo tão ignominioso e atroz. Elle, ajudante d'ordens de seu pai, que souhara talvez a morte heroica nos campos de batalha, na ebriedade da gloria, e entre o fumo da polvora, e o estrepito dos canhões, ia morrer assim ignominiosamente, entre horrivéis soffrimentos. Morrer aos vinte e um annos, vendo-se gentil, amado, elegante! Ha na descripção do supplicio d'este moço um pormenor que nos impressionou. Vestia fato preto, dizem os narradores, e meias cõr de perola. Era a ultima garridice do cortezo airoso e galanteador. Aquellas meias cõr de perola de José Maria de Tavora iam tingir-se de vermelho com o sangue de sua mã.

Vinha entre dois frades arrabidos, pallido, desfallecido, com os seus gentis cabellos loiros, enlevo das damas da cõrte, prezos com um laço. Subiu a custo a escada amparado pelos dois padres, depois o meirinho e os algozes mostraram ao povo aquelle adolescente ainda mimoso como uma menina, e cuja presença era um vivo protesto contra a accusação da sentença condemnatoria. José Maria de Tavora balluciu algumas palavras que o povo mal ouviu, mas que poucos espectadores escutariam de certo d'olhos enxutos. Mas o horror da scena ainda não principiára. Estenderam-n'o n'uma aspa, onde lhe haviam de quebrar os ossos das pernas e dos braços, dando-lhe ao mesmo tempo garrote com uma corda, o que lhe abreviaria o supplicio. Mas a corda estalou, não veio a asphyxia, e entretanto os algozes quebravam-lhe com a maça de ferro as canas dos braços e das pernas, e assim foi pelas carnes dilaceradas, pelos ossos esmigalhados que lhe fugiu o alento, com que horrendissimas dôres, Deus o sabe! Ainda hoje, a um seculo de distancia, nos faz estremecer de horror esta scena pathetica.

E lá voltou de novo a cadeirinha, e abriu-se de novo a porta, e veio o marquez de Tavora, Luiz Bernardo, que elrei deshonorara primeiro e assim mandava matar depois com barbaros requintes. Deus poupou-lhe os mais angustiosos padecimentos. A corda do garrote

não estalou como a que servira a seu irmão, a morte veio mais prompta, e os algozes só tiveram que esmigalhar os ossos de um cadaver.

Tornou a cadeirinha com o conde d'Althouguia, D. Jeronymo d'Alhayde. Condemnado apenas positivamente pelas relações d'affinidade, que o uniam á familia dos Tavoras, este revoltava-se abertamente contra a sentença, e o passo agitado e como febril revelava claramente a rebellião do seu espirito. Como a do moço marquez de Tavora, a sua morte não foi das mais crucis.

Tres vezes tornou de novo a cadeirinha ao palacio de Belem, tres vezes se abriu a porta sinistra, e d'ella saíram os tres plebeus, que eram considerados como menos criminosos, porque não tinham chegado a fazer fogo contra elrei. Eram Manuel Alvares Ferreira, Braz José Romeiro, e João Miguel. Esses, como desgraçados filhos do povo, vinham em camisa e calções sem meias, nem sapatos, nem cabelleira. Os leitores sabem que era esse tempo aquelle em que a litteratura dizia, pela bocca dos seus criticos dogmaticos e oraculares, que o assumpto da sua tragedia deviam ser os infortunios dos reis e dos grandes, mas que as desgraças e as miserias dos burguezes e do povo pertenciam á comedia, ou quando muito a uma especie de dramas hybridos, a que se chamou *dramas larmoyants*, e que tinham de ser escriptos em prosa, pois que o verso era demasiadamente nobre para as desventuras da ralé. Era essa distincção que se mantinha escrupulosamente no lugubre espectáculo de Belem. Aos fidalgos concediam-se os vestidos de setim e as meias cõr de perolas, que davam um nobre aspecto ao supplicio, os plebeus esses tinham d'apparecer com o trajo ignobil, que tira a poesia ao cadafalso, com as pernas nuas, os pés descalços, a camisa grosseira que se tingia de sangue. Assim foram rodados os dois creados do duque d'Aveiro, e o creado do marquez de Tavora.

(M. Pinheiro Chagas—*Historia de Portugal nos seculos xviii e xix*, pag. 183 e 184.)

Como veem os nossos leitores, o distincto escriptor Pinheiro Chagas lapidou admiravelmente as pedras para o nosso monumento! Longe estava s. ex.ª de pensar, ao escrever a sua *Historia de Portugal*, que algumas paginas haviam servir para honrar o *Progresso Catholico*! Dos bons escriptores sempre se aproveita alguma cousa!

Continuaremos no proximo numero os nossos trabalhos para o monumento, que queremos ter concluido antes do dia das festas.

ELIAS DE SAMPAIO.

D. RODRIGO DE MOURA TELLES

ARCEBISPO DE BRAGA

(Continuado do n.º 15)

Possuiu D. Rodrigo de Moura Telles todas as qualidades que se requerem em um bom pastor: em desempenho do seu officio se expoz a muitos trabalhos e perigos da vida para dar ao seu rebanho o saudavel pasto da doutrina, e livral-o das garras do infernal lobo. Ha casos que parecem milagres.

Logo que chegou a Braga visitou toda a cidade, e em seguida a sua grande archi-diocese, andando por agrestes montanhas que não tinham alli visto Prelado algum depois de D. fr. Bartholomeu dos Martyres.

Os povos sahiam a recebel-o de joelhos, batendo nos peitos, o que se viu nas alturas do Barroso, em Soajo e em outras partes.

O seu paço, que elle reedificou, parecia um mosteiro de religiosos, pela observancia e regularidade que alli havia.

Devotissimo do Santissimo Sacramento da Eucharistia, na quaresma visitava todas as egrejas e capellas onde estava exposto. E (consa rara!) elle mesmo o levava aos enfermos.

Os parochos de Braga tinham ordem de avisar quando o Viatico devia ser levado a algum enfermo; e lá sahia o Arcebispo do seu paço, a toda a hora da noite, dirigindo-se á egreja d'onde havia de sahir o Santissimo. A este exemplo despovoava-se a cidade, acompanhando o *Pão dos Anjos* aos logares mais distantes.

Isto observou o santo Prelado quasi até os ultimos dias da sua vida, sendo já muito entrado em annos.

Visitava a miude os pobres do hospital, dava-lhes o jantar pelas suas mãos, cingindo-se para isso com uma toalha, como outro qualquer enfermeiro, deixava-lhes esmola; e nunca comia sem um pobre á sua meza, durante a qual mandava ler livros espirituaes.

Não cabe nos curtos limites d'um artigo referir todas as acções magnanimas e sublimes de tão eximio Prelado: vamos resumir.

D. Rodrigo fez doudas pastoraes, e celebrou synodo diocesano em 30 de abril de 1713. Mandou accrescentar e reimprimir o breviario bracharense. Collocou na egreja do Hospital as reliquias de S. João Marcos.

E' obra sua o zimbório que está no cruzeiro da Sé primaz, e as frestas que ficam contiguas á abobada. Mandou encostar ás paredes da mesma Sé os altares que até ontão estavam arrimados ás columnas. Além d'isso, accrescentou quatro altares e retabulos.

E' obra sua a casa do cabido, as duas torres da cathedral aonde mandou pôr novos sinos, e a grande capella de S. Geraldo.

E' obra sua a casa da relação ecclesiastica e a do aljube, o recolhimento das convertidas no campo de Sant'Anna e o chafariz que se vê em frente do paço.

E' finalmente obra sua a restauração do sanctuario do *Bom Jesus do Monte*, para onde ia frequentes vezes a fim de se entregar á oração.

Dormia pouco tempo, madrugando para a oração e serviço de Deus. Depois de ouvir tres missas, preparava-se para celebrar o Augusto Sacrificio a que assistia toda a sua familia, convocada pelo sino que tocava na capella publica. Elle mesmo administrava a Eucharistia ao innumeravel povo que sempre alli concorria.

Era tão assiduo na oração, que chegou a ganhar chagas nos joelhos; pouco na meza: tão caritativo, que não houve necessitado que não soccorresse em todo o seu arcebispado. Na virtude da caridade foi um segundo Bartholomeu dos Martyres. Todas as ordens religiosas, tanto da cidade, como da diocese, experimentaram os beneficios da sua mão bemfeitora.

Todas as rendas da sua egreja eram dispendidas em estabelecimentos pios, em obras dos templos, em soccorrer os pobres, a quem dava pão, dinheiro e vestido, reservando para si o absolutamente necessario.

Concluindo, diremos que D. Rodrigo de Moura Telles foi pastor vigilante, Prelado exemplarissimo, mestre santo e douto, verdadeiro imitador dos Martyres, dos Fructuosos e dos Geraldos.

Falleceu piamente em 4 de setembro de 1728, pelas 11 horas da noite, ha 152 annos.

No momento em que expirou, viu-se no ceu, no meio da escuridão da noite, uma grande claridade, que muitos entenderam como signal da gloria que sua alma acabava de alcançar. Assim se quer dar o *gambettismo* pelo passado é referido por uma testemunha que o presenciou.

Tal foi o grande Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Telles: viveu 84 annos e oito mezes de idade, sendo na cadeira primacial 24 annos, passados em exercicios de santidade.

Está enterrado, segundo a sua determinação, na magnifica capella de S. Geraldo que está na cathedral de Braga, e que é obra do santo Prelado cuja vida acabamos de referir.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

Secção Critica**VARIAS**

Se no Vaticano se pensa muito na situação do Clero e dos Catholicos da Russia, Alexandre III comprehende quanto valiosos elementos podia procurar-se no dia em que o Governo do seu vasto Imperio se reconciliasse francamente com a Santa-Sé. Até ha pouco os espectaculos de divertimento consistiam em theatros, touros, arlequins, cavallinhos, bailes em casarões ou jardins, fogos artificiaes de Tivoli, corridas de cavallos, vácas e rátas sábias, e belleidades enganadoras, exposições de gigantes e animaes ferozes, theatrinhos mechanicos, parlamentos modernissimos, jogos de espada preta ou branca, *fumambulismos*, regátas etc. Agora ha outros novissimos «grandiosos», entretenimentos, que se chamam *centenarios* de tres, um ou outros centos de annos; é a *idéa novissima* em grande espectaculo, ultrajando mais ou menos além do mais o senso commum, o que não crê na sinceridade de *taes exposições*, que em verdadeira utilidade estão a baixo da *exposição* de crimes na *Praça da Figueira*. A Revolução julgou que tinha achado a *alavanca* nos *centenarios*; enganou-se! faz bulha e até ruido, mas a Verdade fica-lhe impavidal não lhe tem medo, ha-de sempre confundil-a! os *taes centenarios* desfazem-se no fumo, e a Verdade fica e será *in aeternum!* Embora nas relações diplomaticas entre a Inglaterra e a França não se tenha conhecido até hoje dissentimento a respeito do Tunis, é certo que na Inglaterra fez impressão o augmento da importancia da França no *Mediterraneo*, mas logo appareceu o lenitivo: «augmenta a Inglaterra sua importancia no Egypto.» O que não se conformamos ou com o que nos não podemos conformar é a importancia que se quer dar o *gambettismo* pelo passado na *Tunisina*, quando é certo que os *opportunistas* nada teriam feito, se não tivessem a sagacidade sufficiente para comprehenderem, «que envolvendo a França *desapparecia* o *opportunismo*—*gambettivo*. Assegura-se, que o Czar irá a *Wiesbuden* nos primeiros dias de Junho. E de Vienna, que o Principe Imperial da Austria foi recebido em Pesth com o maior enthusiasmo, ao visitar pela primeira vez a capital da Hungria, depois do seu casamento; eram os Hungaros que *Oravam: Pro rege nostro Maria Theresia!* por esta grãdo Imperatriz da Austria, o Rainha da Hungria, á qual chamavam *Rei* como significação da sua maior, e recta energia. Morreu em *Nice*, sup' dos Al-

pes,—o Conde de Arnim, antigo embaixador da Prussia-Allemania, o que tanto deu que fallar com suas pendencias com o senhor Bismark. Conhece-mol-o, Enviado por seu Governo a Roma, como Representante diplomatico junto da Santa Sé; depois teve a historia que é bom conhecida, e afual una vida bem amargurada, que não teria por certo, se se conservasse nos sentimentos com que entrou em Roma, e que me significou logo nos primeiros momentos em que nos conhecemos. Deus lhe perdoasse! Não ha nada como estar com o Papa, pois assim se está com Deus! Em Milão, Italia, houve uma manifestação revolucionaria para dissipar a qual a policia teve de fazer uso das armas; e outra em Genova, que parece não ter tido tão graves consequências. O reino de Italia está amaldiçoado pelo Céu; e sobre um vulcão feito por uma parte dos seus amigos, e sic itur ad astra!... o caso não é ir para os astros ou pelos áres mas sim aos astros, tornar-se astro, do que o referido reino está mais impossibilitado do que ser encontrada a agulha por onde passou a primeira linha. Correu em Pariz, que Mr. Gambetta se demittia de presidente da camara, o boato porém, com algum fundamento ou sem elle, não foi acreditado. Gambetta occupará a posição, em que se acha, ou passará á presidencia da Republica, enquanto a França se não vir desafiada, ou de todo humilhada diante de Deus, que tantos signacs permite e que apontam a Misericordia Divina a querer salvar!

Em 28, 29 e 30 do proximo Junho so achará reunido em Lille (França) o Congresso Eucharistico; facil é vêr qual será o fim de tal Congresso, digamol-o comtudo: «a propaganda Eucharistica e a reparação dos crimes e peccados que se comettem contra os direitos de Deus na Adoravel Pessoa do Salvador, e contra a Santa Igreja.» Tão louvavel esforço é dos signacs, a que alludimos no periodo antecedente. E' magna a batalha, que se está dando em França do espirito bom contra o máu espirito; e o primeiro sem nunca ser vencido, vencerá! De novo referindo-nos a Tunis, reportamo-nos ao Livro Azul, inglez, onde apparece uma reproduzida nota de Lord Grenville ao Embaixador francez em Londres e na qual se afirma, que o Tratado franco-tusino na opinião publica ingleza foi ou é tido como o estabelecimento do protectorado da França sobre a Tunisina; a nós não incommoda tal protectorado senão por o virmos dirigido pelo gambettismo, mas da justiça. Este é senão que passará, e então a discussão será outra; devendo-se ainda notar, que a influencia opportunistica é peor em França do que fóra de França pelo

que diz respeito a protectorados a que haja ou no que importa a Interesses Catholicos, embora não seja por zelo religioso; a intenção será humana, mas o facto serve o Catholicismo. Os jornaes ou periodicos do tempo, em quanto o Governador Civil de Lisboa disputa a respeito dos que podiam esmolar pelas ruas, não faziam mais que applaudilo, pois que seus redactores e amigos se incommodavam com os pobres mendicantes; porem quando o mesmo magistrado dispoz a respeito dos vendedores de folhas periodicas ou periodiqueras ressentiram-se logo porque calcularam que perderiam alguns vintens, e aqui está o *buzilis de tanta periodicada*. Durante os primeiros quatro mezes d'este anno o commercio de importação em França foi na importancia de 1.515.163.000 francos; e o de exportação na de 1.016.656:000 ditos. Em igual periodo de 1880 as importações subiram a 1.540.297:000 francos e as exportações a 1.068.664:000 ditos. Ha pois diminuição n'este anno nos dous capitulos; a França é rica mas a quanto mais não subiria sua riqueza se não fóra a Revolução! Na casa electiva do Parlamento inglez, passou a lei agraria por 352 votos contra 176, em segunda leitura; esta minoria, com outros argumentos, significa não satisfeito de todo o que desejam os Irlandezes, mas tambem não deixa de significar vontade do parte do Governo inglez de fazer alguma cousa.

A questão agraria não é a unica questão irlandeza, é uma parte de um todo, que poderia ser resolvido pelo dualismo á maneira do austro-hungaro, que se realizou depois de uma insistencia notavel por parte da Hungria, e que presenciei e vi de perto, quando aquella insistencia estava na sua maior força. O Senhor Sagasta expoz em conselho, que entendia dever retirar-se das aguas de Tunis a fragata *Zaragoza*, que tinha sido mandada para proteger os subditos hespanhoes no que podesse succeder e não succedeu; melhor é prevenir; as bases da paz entre a França e a Tunisina foram tambem objecto da sessão, como facilmente se explica pela parte importante da Hespanha á borda do Mediterraneo, e como Nação participante da Africa. Alexandre III acaba de fazer uma Proclamação, na qual diz: «Confiando na Divina Providencia, é mister fortalecer a moral; dar solidos fundamentos á educação da juventude; arrancar pela raiz tudo que n'ella é contrario ao direito; e estabelecer em todas as partes o reinado da ordem e da justiça.» Todos estes sentimentos são bons, e ditos do interior, assim Deus Permitta, que elles se completem pelo abandono do *Schinua*, e que o Imperador entre no *Redil de Pedro*, o que lhe

daria a lucidez e força justa que fóra de Elle ou fóra da Verdadeira Igreja é impossivel encontrar. A Proclamação ou Manifesto alludido contem ainda o bastante para fazer crêr que certas idéas de liberalismo attribuidas ao Imperador não dão verdade; e realmente! nem o despotismo em cima nem o despotismo em baixo, o *sid pro lege voluntas* não é dado aos homens, sejam elles Imperadores ou tribunos; e o liberalismo é o peor dos despotismos! o liberalismo é um Erro no qual se compeñdeiam todos os Erros, pois que todo se firma na negação absoluta do Principio de Auctoridade, umas vezes claramente ou outras traçoceiramente. O Reverendo Prelado Stula, da Cathedral de Praga, chegou a Vienna para tomar, de accordo com Monsenhor Strossmayer e Monsenhor Sanbratowics, Arcebispo de Lemberg, as ultimas disposições sobre a grande Peregrinação dos Slavos a Roma. Tenham-se por convencidos os inimigos do Catholicismo «que este vive sãlio e rebento, como foi sua vida sempre, o sempre o será; mirram-se taes inimigos, mas o Catholicismo NÃO!» Está calculada em 60 milhões de francos a despeza feita pela França com a expedição a Tunis. Quasi que não se disparou um tiro; é certa a indisposição da Italia italianissima com a França, que em sua verdadeira significação nada perde com tal indisposição. *Esto, por de pronto. Para en adelante, Dios dirá.* Diz um periodico de Madrid: «La Iglesia, ni ha perdido ni ha ganado con la sustitucion de Cánovas por Sagasta.» E como é uma folha de juizo que assim se explica, assim se pôde ajuizar da substituição relativamente aos interesses Catholicos. Especialmente n'estes tempos tem valor por parte de certos homens e de certas situações o não fazerem mal por incapazes de fazerem bem. Por noticias posteriores sabe-se, que para apasiguar a excitação que se levantou em Milão, e da qual já fallamos, foi mister intervir, mais que a policia, força do exercito, o que não costuma acontecer nas cidades senão quando os acontecimentos de tal especie tomam mais gravidade; foram feitas varias prisões. O estado da Sociedade faz horror! e marcha ainda para mais horror! A manifestação em Marselha contra o Czar tomou proporções, que tornaram a policia impotente para reprimir, ou não quiz; embora não chegasse a desordem até onde o queriam os *desordeiros*, é certo que foi longe para um acto de tal especie, que não menos que um *écho do nihilismo!* mas a revolução quer revolução. Estações civilisadoras nas Colonias Portuguezas promovidas pelo Governo; aguardamos o desenvolvimento da idéa para que possamos formar juizo firmado em pro-

vas; esperamos não vêr saídas *Estuções civis* com parentesco com os *enterramentos civis*. Os Romanos pagãos alliarão o luxo ao pedido=*panem et circenses*, ou estomago cheio e folgança, e assim prepararam seu desaparecimento como Nação, que bem poderia ter continuado a existir, ao menos por mais tempo, se não perdesse seu vigor, sua sobriedade e caracter *sério*; o Paganismo matal-os-ia sempre, mais cedo ou mais tarde; e não nos falla a Historia de outros Povos ou Nações vindas ao Catholicismo? não temos visto mesmo alguma cousa de isto n'estes dias no Oriente? Ora n'estes tempos do novo paganismo vêm os de novo o luxo infrene, a gula insaciavel e o divertimento sem medida, e tudo isto n'uma extensão tal, que não se limita ás fronteiras de um Povo mas excede-as e abrange a *Sociedade* em geral, e por consequencia a esperar queda mais desastrosa ainda que a dos Romanos pagãos. Em 31 de Dezembro tinha o exercito portuguez 2,132 officiaes, para 18 ou 20 mil homens? os officiaes não podem ser demittidos porque são hoje 2,132, não os promovemos, e regulem as cousas de modo a não se vêr todos os annos um augmento na officialidade, fornecido pelas Eschólas. No dia 16 de Maio saiu do Cantão de Friburgo (Suissa) uma Perigri-nação composta de 2,000 pessoas dirigindo-se ao Sanctuario de *Nossa Senhora das Ermitas*; os Cantões da Suissa contam, cada um de elles, milhares e não milhões de habitantes, e assim aquella cifra representa numerosa concurrencia; por toda a parte o Catholicismo mostra que vive, e com vida forte. Na Russia estallaram novos tumultos contra os judeus em diversos povos do Meiodia e varios do Noroeste, especialmente em Kowno e Wilna; não applaudimos taes máus tractos, mas reconhecemos sempre o *povo amaldiçoado!*

A circular do general Ignatieff diz, que os ataques contra a pessoa do Soberano e seu poder provém da relaxação dos deveres sociaes e moraes. Faz um chamamento a todas as pessoas honradas, sollicitando seu concurso para moralisar os costumes. Bem se comprehendêr a inquietação que reina nação universal sobre a superstição dos Russia; é certo que só a Moral pôde fazer desaparecer os motivos inquietantes, mas a Moral recta e completa, que não é outra que a Moral Catholica; alguma moralidade bem faz, mas cumpre que não haja *só alguma mas toda!* «*bonum ex integra causa*». Em cousas de Doutrina não ha esforços a meias; quando não de todo com elle se está contra essa!

24—5—81.

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

UM MAU LIVRO DE HISTORIA

(Continuado do n.º 7)

Não passaremos adiante sem rebatermos as seguintes expressões do sr. Doria: «a religião conservou-se em estado de guerra com o poder politico.» Será isto exacto? É certo que houve luctas entre os Papas e alguns imperantes, porém qual era a causa d'estas luctas? Os Papas defendiam a moral e a civilisação contra a poligamia e a tyrannia. Os Papas proclamavam a justiça e o respeito a todo o direito legitimo. Os imperantes como Henrique IV e Barba Rocha queriam o despotismo, a guerra e o desprezo de toda a justiça e de todo o direito. Logo os Papas cumpriram o seu dever e é uma calumnia affirmar que a *religião conservou-se em estado de guerra com o poder politico*, quando foi pelo contrario o poder politico que muitas vezes fez guerra à religião.

Passemos adiante e prestemos attenção ao sr. Doria. Tem s. ex.ª a palavra:

«Os direitos politicos não se achavam perfeitamente regulados; e se por uma parte as testas coroadas oppunham a potencia da força, por outro lado a Igreja preparava os seus raios poderosos, e queria assentar sua dominação universal sobre a superstição dos fleis.» A Igreja recebeu de Jesus Christo a missão de instruir os povos e os reis: é pois da Igreja que as testas coroadas devem aprender seus deveres e direitos.

Muitas vezes as testas coroadas (fallamos das testas coroadas, purificadas pela agua do baptismo) oppuzeram a potencia da força à força do direito. Era um abuso, um attentado, um crime que a Igreja podia punir, e punia-o: usava do seu direito. Isto só pôde negal-o um atheu ou um racionalista.

A vista do que deixamos dito, já veem os leitores que juizo se ha de fazer das asserções do sr. Doria.

Não passaremos todavia adiante sem rebatermos a seguinte asserção, só propria de um discipulo de Voltaire: «a Igreja... queria assentar sua dominação universal sobre a superstição dos fleis.»

Para se vêr quanto é falso que a Igreja quizesse ter dominação temporal universal basta considerar que ainda que os Papas tomaram tanta parte nas cruzadas não exigiram para si nem sequer um palmo da terra conquistada no Oriente.

Os Papas aceitaram as doações voluntarias que lhes foram feitas por quem podia fazel-as: mas depois de assegurada a sua independencia, tendo o poder temporal indispensavel para serem livres, não tornaram a pensar em exten-

der seus dominios. Logo é uma calumnia o que diz o sr. Doria.

O sr. Doria não cessa de repetir as calumnias de Voltaire contra a Igreja, e usa até da linguagem de seu mestre que chamava *superstição a religião catholica*.

Adiante.

«É certo, diz ainda o sr. Doria, que o christianismo não mudou todas as leis, nem todos os costumes, por quanto depois da ruina do Imperio Romano, e dos estabelecimentos dos barbaros ainda algumas leis se fundiram com as dos povos do Norte; e formaram a base da legislação da Europa moderna. Destruiu por ventura o christianismo o infame trafico da escravatura?»

O espirito revolucionario é contrario ao espirito do christianismo.

O christianismo não mudou nem procurou mudar o que era racional. A luz da razão é commum a todos os povos, e tudo o que é racional está em harmonia com a revelação divina, pois a luz da razão como a luz da fé procedem de Deus e Deus não pôde contradizer-se. Por isso o christianismo longe de mudar, procurou conservar tudo o que era racional.

As leis porém e costumes que o christianismo encontrou em opposição com a lei divina e por tanto com a recta razão procurou christianisal-os: e só um atheu é capaz de ter a ousadia de censurar o christianismo porque não destruiu todos os crimes. «Destruiu, diz o sr. Doria, destruiu por ventura o christianismo o infame trafico da escravatura?» Destruiu por ventura, dizemos nós, destruiu por ventura a sciencia toda a ignorancia? Destruiu por ventura a medicina todas as doenças? E não seria um historiador infel aquelle que fallando da medicina calasse todos os beneficos que tem feito à humanidade, e só fallasse das enfermidades que não tem curado? Não seria um infame aquelle que fallando da sciencia, procurasse rebaixal-a só porque não destruiu toda a ignorancia?

(Continúa).

P.º Chrispim Caetano Ferreira Tavares.

Secção Literaria

VICTOR

OU

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

CAPITULO V

Um sacerdote dos christãos

(Continuado do n.º anterior)

Na attitude, nas manieiras e nas pa-

lavras d'este pobre ancião havia um d'agar a origem d'estas lembranças, e não sei quê de nobreza e de bondade, que chamon a att-nção do joven patri- cio, e lhe fez esquecer a tempestade que estrondeava furiosa por sobre a hu- milde vivenda. Nunca julgou encontrar um homem tão respeitavel em tão po- bre e desprovida casinha.

Os escravos haviam ficado immoveis e silenciosos a um canto da estreita estancia; seu senhor, porém, e o que os hospedava occupavam a outra ex- tremidade.

A tempestade redobrava. Seus rui- dos semelhavam os do mar encapel- lado, quando as vagas embravecidas se quebram contra os cachopos da costa; ruidos que se tornavam cada vez mais espantosos e horriveis á vista do silen- cio, do mêdo, que reinava n'esta mo- desta estancia.

O horisonte entoldava-se mais e mais a escuridão augmentava gradualmente, e os repentinos relampagos que fuzila- vam incessantemente, amedrontavam o coração mais ousado. Os escravos es- tavam aterrados; só Victor e o ancião pareciam conservar-se tranquilos: um pela animosidade natural do seu cara- cter; outro, por um sentimento mais nobre, a confiança em Deus.

Victor não fazia outra coisa senão olhar para a atmosphera a ver se a tormenta apresentava indícios de ter- minar: é que se lhe ia escasseando o tempo, e elle precisava de retomar o caminho de Roma; não viu, porém, in- dícios nenhuns, que o afoutassem por- emquanto a pôr-se a caminho.

De repente, o vento redobra de vio- lencia e parece escarnecer d'aquelle po- bre edificio, abalando-o e estremecen- do-o, como se de-communal gigante o agarrasse entre os braços para des- truil-o e arruinal-o até aos alicerces. Todos então se assustaram: rangem a porta, bambaleon o tecto, e no fragil- tabique sobre que Victor se apoiava abriam-se varias fendas pelas quaes pôde descobrir una especie de quarto- sinho occulto, que havia do lado op- posto. N'este comenos fuzilou um re- lampago, e Victor pôde vislumbrar n'este quartossinho uma cruz pendurada na parede. De subito se lhe despertou na mente uma antiga recordação, a do sonho que teve em creança e do qual se não havia recordado mais.

Este ancião, esta cruz, seu pae Fla- vio Sabino e aquelles saltares conse- lhos que ultimamente lhe dera, tudo lhe veio de tropel á memoria. Já o não inquietava a tormenta; occupavam-lhe só a mente estas recordações e esto res- peitavel ancião que o albergara, e para o qual, sem saber porquê, sentia re- nascer em seu coração affectos de admi- ração e sympathia. Reflexionou sobre o motivo d'estas impressões, procurou in-

prestes lhe acudiu á mente, que os christãos adoram um Deus crucificado. —Immediatamente se persuadiu, de que este homem venerando, que com tanta affabilidade e carinho o albergava, era sem duvida um christão. Mas d'onde veio esta tempestade, perguntava-se, que me forçou não só a recolher-me aqui, mas a ficar obrigado a um chris- tãoz? Sua mente preocupava-se por es- tas coincidencias e por lhe parecer como que realiado ao fim de vinte an- nos aquelle sonho que tivera em creança de ver um ancião e uma cruz como aquella.

Tinha, porém, conhecimentos de so- bra e discrição bastante, para não ver em tudo isto mais que um conjuncto de circumstancias casuacs, e para não prever que este dia deveria ficar assi- gnado na sua vida.

Estes pensamentos perpassaram ra- pidos por seu espirito como o fulgor d'um relampago: e fizeram com que a sympathia, que desde logo havia sen- tido em seu coração para com seu bon- do-o e caritativo hospitaleiro, se con- vertesse bem depressa em interesse pro- fundo. Já se não ausentará d'ali sem saber quem elle é, e sem offerecer-lhe os seus serviços e protecção, porque parece que o céu lhe impõe este de- ver.

Era esta a resolução que interior- mente acabava de tomar. A tempes- tade ia-se já apacando, o vento acal- mava-se, as torrentes da chuva dimi- nuíam e já não engrossavam os rios, e o trovão, retumbando lá muito ao longe, era o indício que a natureza dava que havia passado o perigo e renascia a bo- nança.

O bom velho, logo que viu os escravo- tomados de mêdo, esforçou-se por reanimar-os com palavras cheias de do- çura e benevolencia. Passava de um a outro com paternal sollicitude alentan- do-os e promettendo-lhes que em breve poderiam proseguir seu caminho sem receio. O joven romano estava pouco habituado a ver tratar assim os escravo- s, raça proscripta, que se dominava pelo terror, e que, abatida pelo conhe- cimento da sua inferioridade, tremia ante seus senhores e se acobardava até perante os rigores d'uma tempestade. Victor, embora não quizesse, sentia-se inferior a este homem, pobre, já se vê de bens de fortuna, mas rico com os thesouros do coração.

Além d'isso, tinha impresso na sua nobre physionomia o cunho da mages- tade. Sua fronte, avincada de rugas pelo prespassar dos annos, demonstra- va uma grande vivacidade de espirito, mesclada de dignidade e de doçura pro- prias a dominar o orgulho e a subju- gal-o.

Victor, fitando-o silencioso, dizia a sós consigo:

—Ora aqui está um d'esses christãos a quem acoimam d'infame, e que costumam denunciar e perseguir por causa da sua religião, e que afinal lançam ás feras. Até agora não os tinha visto senão no amphitheatro, e sempre os vi lá encerrar a morte cheios de nobreza e magestade; este homem, porém, parece-me não menos admiravel na sua po- breza.

E continuou ainda a perguntar-se admirado:

—Não são assim os que adoram os deuses do imperio. Quem sabe se os christãos serão os verdadeiros amigos de Deus?

Taes eram os pensamentos, que em tropel lhe acudiam á mente.

Offereceu-se então occasião ao roma- no e seu sequito de deixarem o alber- gue a que se haviam recolhido, porque o sol começava de reaparecer com todo o seu brilho por entre as nuvens que se dissipavam, o arco-iris refulgia coroadando a campina e a chuva havia cessado completamente; apenas lá ao longe se ouviam os ultimos rugidos da procella, e na orla do horisonte se viam uns rapidos clarões que denotavam que a tempestade havia visitado outras pa- ragens e passado até talvez a outro he- mispherio.

Victor, dirigindo-se ao hospitaleiro ancião, disse-lhe com o accento da gra- tidão mais cordeal e sincera:

—Agradeço-te o abrigo que nos pro- porecionaste na tua vivenda, ó bom velho! julgar-me-hei feliz se tiver occa- sião de demonstrar-te meu reconheci- mento por este beneficio.

—Nobre romano, lhe responden, o gozo que me cabe de te poder ser util é recompensa de sobra para o que tem a ventura de fazer bem aos seus seme- lhantes; e quando se trata de um ho- mem como tu, á satisfação que se sente acresce a honra que se recebe.

Esta delicada resposta do christão desconhecido fez pulsar o coração de Victor, e á estima que lhe consagrava se juntou um sentimento de admiração, que fez por occultar, dizendo:

—Todavia és pobre; ao menos jul- go-o assim, e eu quero deixar no teu albergue uma recordação da minha es- tada n'elle.

(Continúa.)

Retrospecto da quinzena

Bem faz o snr. Alexandre Braga que não quer jesuitas, nem cousa que o pareça! Além das muitas tratantadas apon- tadas no seu discurso, e das mais que lhe não lembraram e das que ao seu conhecimento não haviam chegado ain-

da, ali vae mais uma das *patifarias* ultimamente postas em pratica pelos taes roupetas inimigos da humanidade, e do snr. dr. Alexandre Braga especialmente.

Ora leiam e admirem:

«Um Jesuita, o padre Palau, que andou durante 50 annos nas missões d' Africa e que pelas ultimas disposições do governo francez teve de fixar a sua residencia em Barcelona, deu a conhecer ao especialista d'aquella cidade, o Dr. Griman, um novo producto a *Arenatia rubra* de Africa que tanto está chamando a attenção do mundo scientifico pelas suas virtudes curativas, nas enfermidades, taes como os catarros de bexiga, calculos, mucosidades, doença de pedra etc. O Dr. Griman está ensaiando com exito surprehendente o referido producto. Se os resultados continuarem favoraveis, a sciencia terá na *Arenatia rubra*, um poderoso meio para combater aquellas doenças que tanto fazem padecer a humanidade.

Os jesuitas são apreciados no novo Mundo como elles merecem e os jornaes não se pejam de fallar d'elles e de mencionar os beneficios que d'elles provem á humanidade.»

Esta noticia encontramol-a em um jornal, que de certo, em vista d'isto não tarda em ir juntar-se aos inimigos dos jesuitas, e, se elles continuam a praticar poucas vergonhas como estas nós mesmo, custe a quem custar, lá vamos tambem!

E depois, estes senhores jesuitas teem cousas! Ora querem os nossos leitores saber a perrice que elles pregaram ha dias a um inimigo da Igreja catholica? Eis o caso:

O *Diario de Noticias* folha que se vende a 10 réis pelas ruas de Lisboa, e que é lida por cocheiros, creadas de servir, barredores das ruas, etc., etc., dava no dia 30 de maio esta *importante e agradável* noticia:

«Falleceu hontem e enterra-se hoje civilmente, ás 2 horas da tarde, um filhinho do sr. Antonio Polycarpo da Silva Lisboa, distincto e illustrado industrial. Adiante vae o convite funebre.»

Já se vê, e nem se cafeeia da declaração do *Diario*, um homem que enterra o filho civilmente podia deixar de ser *distincto e illustrado*? Ora essa é boa!

Como nos dizia—adiante vae o annuncio fomos *procurar elle* e, em meio dos muitos annuncios demos com o dito. Então o pasmo que nos dominou foi espantoso, porque notamos logo a mão do jesuita!

O convite era assim concebido:



«Antonio Polycarpo da Silva Lisboa e

Maria Antonia de Sousa Lisboa participam a todos os seus amigos e pessoas de suas relações, que falleceu o seu muito presado filhinho Victor Lisboa, cujo enterro se realisará civilmente hoje, ás duas horas da tarde, esperando lhes honrem este acto com a sua presença.

O prestilo funebre sae da rua dos Douradores, 107, 3.º, para o cemiterio oriental. Não se fazem convites especiaes.»

Na redacção do annuncio nada temos que admirar. O cidadão Antonio Polycarpo faz um convite para assistir ao enterramento do filho como o faria parente do Seminario e para os Sacerdotes e cavalheiros que foram assistir áquella no seu direito. Mas o que não podemos desculpar, e é isto o que nos admirou é que a *illustração* do snr. Polycarpo, e Sr. Thomé Gregorio de Mendonça, da *imparcialidade* do *Diario de Noticias* não dessem pela caçoada que lhe pregaram os jesuitas! Pois não deram pela presença da cruz, que se erguia no cimo do annuncio?! O snr. Polycarpo, o *distincto e illustrado* industrial quereria uma cruz no annuncio que fizera a companhia os amigos? Esta só lembra ao dia-bo, ou a algum typographo que os jesuitas tem a seu serviço nas officinas do *incolor*!

Uma cruz n'um enterro civil! Ou o snr. Polycarpo é distincto na asneira, ou a officina typographica do *Diario de Noticias* é composta de idiotas, ou então, o que é mais provavel, anda ahí a mão occulta do jesuita! Sim, senhores, é obra dos jesuitas aquella cruz erguida no alto do annuncio, e fizeram-no de proposito e caso pensado para insultar a *distincto e illustrado* do cidadão Antonio Polycarpo!

Fôra com os jesuitas! Fôra!

Ainda que nos occupa todo o espaço que nos está reservado não podemos resistir á tentação de transcrever para aqui a descripção d'uma festa com que os estudantes do Seminario d'Angra do Heroismo, commemoraram o 9.º anniversario da sagração do seu virtuoso prelado o ex.º e revd.º snr. D. João Maria Pereira do Amaral Pimentel.

Eil-a:

«De grande alegria e santo alvoroço foi para os Alumnos do Seminario d'Angra o dia 28 de Abril ultimo, por n'elle se recordar o 9.º anniversario da sagração de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo d'esta Diocese. E o jubilo e contentamento, que seus corações juvenis experimentaram por tão feliz acontecimento, não podiam ser manifestados d'uma maneira mais entusiastica e edificante.

Na manhã d'este dia houve na Igreja do Seminario missa cantada e uma communhão geral promovida pela congregação dos filhos de Maria Santissima, da qual foi fundador e é zeloso director o

Rev.º snr. Dr. João Paulino de Azevedo e Castro, professor de sciencias ecclesiasticas do mesmo Seminario.

Pelas 4 horas da tarde deu-se principio á festa litteraria que constou da recitação de discursos, poesias, e da execução de lindas peças de musica. A espaçosa sala onde se costumam fazer estes actos estava deslumbrantemente decorada.

Sobre a cadeira de Sua Ex.ª Rev.ª estava pendente um magestoso retrato de Sua Santidade LEÃO XIII, em attitudede de quem abençoa.—Havia logares de distincção para o illustre corpo do Seminario e para os Sacerdotes e cavalheiros que foram assistir áquella verdadeira festa de familia.

Fallou em primeiro logar o alumno de S. Jorge; referindo-se em bem acabado discurso ao jubiloso facto que estavam recordando, disse: que não podia passar desapercibido o anniversario da sagração de Sua Ex.ª Rev.ª, porque, se a sua elevação ao episcopado tinha sido de grande jubilo para a Diocese d'Angra, o seu Seminario mais não podia passar desapercibido o anniversario da sagração de Sua Ex.ª Rev.ª, o que a todos era bem patente. Passou depois a fallar da educação religiosa, mostrando como ninguem melhor que a Igreja a sabe ministrar, por varios meios, mas sobre tudo pelos seminarios. Foi muito applaudido.

Seguiu-se a este discurso uma arrebatadora poesia intitulada—CARIDADE, a qual foi primorosamente recitada pelo joven alumno José Duarte Nunes, da freguezia da Terra Chã d'esta ilha.

O segundo discurso versou sobre o mesmo assumpto—a caridade—e foi recitado pelo alumno Snr. Jacintho Raposo de Medeiros, da ilha de S. Miguel. A phrase elegantissima em que estava concebido a par das mais entusiasticas e bellas apostrophes que a cada passo empregava, acompanhadas de modesto mas expressivo accionado, arrebataram todos os ouvintes que phreneticamente applaudiram.

Seguiu-se uma poesia em francez intitulada—LA PRIERE, igualmente bem recitada pelo alumno de francez—o Snr. José Furtado do Couto, da ilha de S. Miguel.

O terceiro discurso foi feito pelo Snr. Antonio Jacintho d'Avila, da freguezia d'Agualva d'esta ilha, o qual fallou sobre a riqueza e a sciencia, mostrando brilhantemente como a segunda era superior á primeira; disse que uma aureola de respeito e veneração cercava sempre a fronte do sabio em todos os tempos e logares, adduzindo muitos exemplos que a historia lhe forneceu para comprovar a sua asserção. Foi tambem muito applaudido.

Fallou depois o alumno Snr. Manuel Augusto Pereira, da Villa da Lagoa, da Ilha de São Miguel, discorrendo com muito acerto e propriedade sobre o segredo da felicidade que o homem procura descobrir em toda a parte, mas do qual só a Religião Catholica tem a chave, proporcionando-lhe a possível felicidade plena alem da campa; disse que esta chave era confiada ao Padre para a todos descobrir esse segredo que tanto atormentava a humanidade, e mostrou quanto o Padre carecia de estudar e trabalhar para corresponder á ancia da Igreja, que n'elle queria ver sempre um mestre abalisado de seus irmãos.

Concluido este discurso, que muito agradou, levantou-se dentre os alumnos do curso theologico o snr. Manuel José d'Avila, subdiacono, da cidade da Horta, e foi pedir venia a Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma}, para fazer recitar pelo Alumno mais novo, que estava n'aquelle ajuntamento de mais de cem Seminaristas, uma poesia que expressamente havia composto para ser o remate d'aquella festa academica. Subiu depois ao estrado o alumno o Snr. Antonio Maria Maciel, creancinha de 12 annos, dotado de grande talento, e recitou com indizível graça e enthusiasmo a mimosa poesia composta pelo intelligente alumno o snr. Manuel José d'Avila, a qual depois foi depositada nas sagradas mãos de Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} pelo seu author, saudado por entre phreneticas e prolições longadas salvas de palmas. Será ella publicada n'este Boletim logo que para isso haja espaço.

A orchestra dos Alumnos, obsequiosamente auxiliada por algumas pessoas externas, executou com muita mestria varias symphonias e hymnos, tocando nos intervallos dos discursos e poesias.

Concluido o acto Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} agradeceu em breves palavras aos seus Seminaristas as demonstrações de dedicação e affecto que acabavam de testemunhar-lhe; disse que reconhecia não haver motivo para solemnizar com tanta alegria o anniversario da sua elevação ao episcopado, porque em tão elevada posição mui pouco tinha feito para o muito que desejava fazer; que isso poderia longe de affrouxar o seu reconhecimento por tantas demonstrações de affecto e apreço, mais o augmentava: que no meio dos soffrimentos inseparáveis da cruz que lhe pendia sobre o peito—uma grande e extraordinaria consolação lhe fazia trahbordar de santo jubilo o seu coração de Bispo—era presenciado como o seu Seminario, a synthese de todos os seus cuidados e desejos, prosperavam a olhos vistos, o que attribuia a Protecção divina dispensada pelas mãos maternas de Maria Santissima sua Guia e Padroeira, e ao

zelo e dedicação dos seus bons Directores e Professores. Que pedia ao Senhor continuasse a derramar suas graças sobre todos os Directores e dirigidos, e para isso a todos abençoava em nome do mesmo Senhor.

Dirigiram-se depois todos os Superiores da casa e Alumnos para a Igreja do Seminario, e ali na presença do Santissimo Sacramento exposto foi cantado a musica pela numerosa capella dos seminaristas um solemnissimo *Te Deum laudamus*, que foi levantado pelo Rev.^{mo} Snr. Dr. Vigario Geral, vice-reitor. A musica foi de Soares, sendo brilhantemente executada pelos Alumnos.

A noute appareceu uma deslumbrante iluminação na fachada da Igreja e do edificio.

E assim terminaram aquellas demonstrações de filial e respeitoso affecto que não podiam deixar de levar uma santa alegria ao coração do nosso Exc.^{mo} Prelado; pois que os sentimentos que taes festas revelam são uma consoladora garantia de que os muitos logares vagos, que se vão notando no serviço ecclesiastico da Diocese, não tardarão a ser preenchidos por illustrados e virtuosos Sacerdotes. Deus assim o permita.»

De Santarem tambem nos dizem tem sido pomposas as festividades ali realizadas, no Seminario Patriarchal com o que muito folgamos. Pela noticia que em seguida publicamos bem se pôde avaliar do estado moral de tão importante estabelecimento:

«Foi brilhantissima a festa da Ascensão do Senhor, como geralmente são todas as que alli se fazem.

Se a musica vocal e instrumental, desempenhada pelos alumnos enleva os sentidos, muito mais impressiona a sociedade, o respeito, e, digamos ainda, a maestria com que são desempenhadas todas as ceremonias.

Em cada um dos alumnos do seminario vemos, tal é a educação que recebem, um futuro sacerdote de quem a Igreja e o Estado terão muito a esperar.

O mez de Maria tambem é alli celebrado por modo edificante.

A par da educação, verdadeiramente ecclesiastica, o alumno encontra no seminario de Santarem um desenvolvimento e d'ahi provém a alegria que todos elles manifestam, a estima respeitosa que professam ao digno reitor e a todo o corpo docente d'aquella casa modelo.»

Temos que agradecer a visita de dois novos jornaes—*Portugal* e *O Norte Republicano*. O primeiro vê a luz em Lisboa e curva-se reverente diante da realza personificada no snr. D. Luiz I; o segundo é rasgadamente republicano. Ambos os paladinos que acabam de apparecer na arena jornalística esgri-

mem com destreza as armas de que usam, e parece-nos que não ficam a dever nada um ao outro.

O Norte Republicano, fallando do paço dos nossos reis diz:

«A miseria invade os lares, a fome segue-a de perto, tudo annuncia desgraça e desespero, e enquanto se passa isto cá fóra, entre o povo, no palacio real, no meio d'um turbilhão de luz, entre uma atmosphera que espalha em derredor um cheiro pestilento, entre meia duzia de cortezãs prostituidas e outros tantos cortezãos vis e bebados, diverte-se aquelle que á custa do nosso suor, do nosso trabalho, fez do seu palacio um lupanar, onde reina o vicio, e a embriaguez. E ouve-se o rir estúpido e sarcástico, de tudo quanto é puro, de tudo quanto é nobre.»

O Portugal, fallando dos republicanos, assim se exprime:

«Poderão assim illudir a credulidade dos eleitores, mas não conseguem influir vantajosamente nos destinos do paiz que os tolera, mas que tambem os conhece e os detesta como naturalmente se detestam os especuladores falsarios, atheus e perjuros.

Os nossos republicanos são quasi todos d'essa laia, exceptuando alguns que apenas são juridicamente vadios e genuinamente pedantes.»

Serão verdadeiras estas palavras, arremessadas de um ao outro campo? Não sabemos. Pela nossa parte quer-nos parecer que nem um nem outro estará a nosso lado, isto é que nem o monarchico nem o republicano serão puramente catholicos.

Se o forem, se se curvarem reverentes ante os dictames da Igreja estaremos com qualquer dos collegas, ou defendam a realza ou a republica, porque no campo catholico ha só uma bandeira—a cruz e a sombra d'ella tanto está o rei como o subdito; tanto cabe o presidente da republica como o cidadão da mesma. O ponto está em que sejam todos catholicos, apostolicos, romanos.

Findamos enviando os nossos sentimentos ao nosso collega do *Conimbricense* o snr. Joaquim Martins de Carvalho, por haver fracturado um braço na occasião em que sobre uma escada procurava um livro na sua bibliotheca.

Fazemos votos pelo prompto restabelecimento. J. DE FREITAS.

Subscrição para o infeliz entrevado que deseja ir a Lourdes

Transporte.....	135400
Um devoto que se recomenda ás suas orações.....	270
De um habitante de S. Braz d'Alportel, no Algarve....	25000
Somma.....	158670